

A química do charque: ensinando Química em entidades tradicionalistas

Giovani de Azevedo Andrade¹ (IC), Yuri Deicke¹ (IC), Májore Antunes^{1*} (PQ)
*majore.antunes@feliz.ifrs.edu.br

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Feliz. Rua Princesa Isabel, 60, CEP 95770-000. Feliz - RS.

Palavras-Chave: espaço não-formal de educação, tradicionalismo gaúcho, charque.

Área Temática: Temas Contemporâneos

INTRODUÇÃO

O curso de Licenciatura em Química do IFRS - *Campus Feliz* proporciona, em seu currículo, o trabalho com espaços não-formais de educação no componente de Estágio Curricular Supervisionado I, de modo que os estudantes possam vivenciar a docência em um espaço de sua escolha e com o desafio de relacionar a química com os interesses do público escolhido. Conforme Gohn (2006), um espaço não-formal de educação se refere aos ambientes de socialização fora da escola, em que os indivíduos se reúnem de forma intencional para a construção do conhecimento, a troca de experiências em espaços e ações coletivas, capacitando os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo no mundo. Tendo em vista a proximidade dos autores com entidades tradicionalistas, escolheu-se como espaços não-formais de educação o Piquete de Laçadores Timbaúva e o Centro de Tradições Gaúchas Velha Cambona, ambos da cidade de Portão (RS), e com um público de idades variadas. A relação da química com o tradicionalismo foi feita por meio do sal de cozinha (cloreto de sódio) e sua importância na história e no desenvolvimento do Estado do Rio Grande do Sul, com ênfase na produção do charque.

METODOLOGIA

O planejamento da oficina temática se deu ao longo de um mês como parte do componente de Estágio Curricular Supervisionado I. A aplicação das oficinas foi realizada nos dois espaços tradicionalistas, em dois encontros de duas horas cada. A determinação prévia do tema foi feita em conjunto com a patronagem das duas entidades. As oficinas iniciaram com a música de caráter nativista 'Escravo de saladeiro', de Antônio Augusto Fagundes e Euclides Fagundes Filho, a respeito da importância do charque para a história do Rio Grande do Sul. A partir disso, os participantes foram questionados sobre como seria a ação do cloreto de sódio na carne para a produção do charque, o que seria o cloreto de sódio e, afinal, como a química foi importante na história do Estado. A partir disso, os aspectos históricos e químicos a respeito da produção do charque foram trabalhados. Como estratégia de ensino aprendizagem, deu-se prioridade à exposição dialogada, com uso de cartazes

Realização

Apoio



41º Encontro de Debates sobre o Ensino de Química

Celebrar a vida

14 e 15 de outubro de 2022

e experimentos sobre osmose, além da produção do charque. A avaliação ocorreu ao longo de todo o tempo das oficinas, de modo a adaptar as atividades com base nas respostas e participação do público.

RESULTADOS

O público presente foi formado por pessoas com idades entre 6 e 60 anos, sendo em torno de 40 pessoas na primeira aplicação (prioritariamente crianças e jovens) e 18 na segunda (prioritariamente adultos), que mantiveram-se atentos e interessados ao longo de toda a atividade. Ao final da primeira oficina, houveram várias perguntas e muita interação, enquanto que a segunda foi mais calma, o que pode ter relação direta com as idades do público presente. Em ambos os casos, com a interação entre o grupo foi possível notar uma boa compreensão do conteúdo, cada qual tendo seu ponto de partida e sua visão sobre o que foi trabalhado, visto isso pelas contribuições e perguntas que foram trazidas ao final da atividade, como por exemplo associações com o sal no churrasco ou com a extração do sal em jazidas, bem como semelhanças com o processo de curtimento do couro. Ao longo das oficinas, as principais dificuldades enfrentadas foram: flexibilizar o conteúdo para que as pessoas das mais variadas idades e com as mais distintas experiências e entendimentos sobre química pudessem compreender o objetivo da atividade e relacionar as perguntas dos participantes com o conteúdo trabalhado. A atividade foi significativa aos participantes, que enviaram fotos do próprio charque produzido em suas casas após as oficinas.

CONCLUSÕES

Foi possível vivenciar a docência em toda sua abrangência, desde a escolha do ambiente a se trabalhar, o estudo de um tema de interesse para os presentes, a elaboração de um plano de aula, a aplicação da oficina, sua contextualização teórica, sua prática e seus experimentos que justificassem e embasassem o tema. Além disso, a posição adotada frente a um grupo de pessoas e a condução do trabalho permitiram fazer com que fosse visto sob uma nova ótica o papel da educação: ela se dá em todos os espaços, sob todos os contextos e com grupos de todas as idades.

REFERÊNCIAS

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: avaliação em políticas públicas e educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

Realização

Apoio